

ESPAÇOS DA

escola

UMA REVISTA CONSTRUÍDA
PELO COLETIVO DOS EDUCADORES

45

JUL./SET. 2002

ISSN 0103-9032

ESCOLA, COTIDIANO EXIGENTE, DE CONSTANTE RECRIAÇÃO

- Construção Coletiva do Conhecimento: uma Proposta em Construção
- Reflexões Sobre o Imaginário Social e sua Aproximação com o Cotidiano Escolar
- Configurações e Reconfigurações do Espaço da Sala de Aula
- Contribuindo Para a Construção do Conhecimento na Educação Infantil: a Organização de uma Proposta Pedagógica de Ação em Creches e Pré-escolas
- Educação Infantil: Espaço de Construção do Conhecimento Pelo Brincar
- Os Sujeitos Surdos e a Aquisição da Linguagem: uma História de Restrições e Conquistas
- Formação Docente e Pedagogia Dialógica: Contribuições de Paulo Freire



Editora UNIJAI

FORMAÇÃO DOCENTE E PEDAGOGIA DIALÓGICA: Contribuições de Paulo Freire

Inês Ferreira de Souza Bragança

A autora busca delimitar os conceitos de educação bancária e pedagogia dialógica em Paulo Freire e, a partir de memoriais de alunas-professoras do curso de Pedagogia, tenta capturar “imagens” da memória escolar que de alguma forma se materializam na prática docente.

FORMAÇÃO DOCENTE E PEDAGOGIA DIALÓGICA

Como cada professora produz sua atuação docente? Como os traços de “educação bancária” e de “pedagogia dialógica” vão se definindo no perfil profissional? De que forma a memória integra estes processos educativos? Essas são algumas questões que nos instigam a buscar pistas sobre a formação de professores, tentando perceber os sentidos desta memória na constituição dos “modos de ser e estar” na profissão docente (Nóvoa, 1992).

Buscamos inicialmente delimitar os conceitos de educação bancária e pedagogia dialógica em Paulo Freire e, a partir de memoriais de alunas-professoras do Curso de Pedagogia,¹ tentamos capturar “imagens” da memória escolar que de alguma forma se materializam na prática docente.

ENTRE A EDUCAÇÃO BANCÁRIA E A PEDAGOGIA DIALÓGICA

Paulo Freire apresenta, na “Pedagogia do Oprimido”, a concepção “bancária” de educação, em que o ato educativo torna-se “*um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante*” (1983, p. 66). Uma educação opressora, pois o professor é o que diz a palavra, o que disciplina, o que opta, prescreve, atua, escolhe o conteúdo programático, finalmente, é o sujeito do processo. A narração na educação bancária se apresenta como discurso único, como imposição de um discurso tido como verdadeiro. O ofício docente, nesta perspectiva, corporifica a prática da dominação.

Destaca a narração/dissertação como sendo uma marca da relação professor-aluno. A narração não se apresenta aqui como na perspectiva benjaminiana², de construção/partilha de um saber comum ao grupo, ao coletivo. Ao contrário, a narração na educação bancária apresenta-se

como discurso único, como imposição de um discurso tido como verdadeiro. Dessa forma a narração não instaura um processo de comunicação, mas de fala única, direcionada. O processo educativo não estabelece uma experiência plena, mas uma experiência transmitida e memorizada pelo ouvinte.

Em contrapartida à educação bancária, Paulo Freire apresenta a possibilidade da educação problematizadora/libertadora, que se afirma numa perspectiva dialógica. “Destá maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo...” (p. 78).

Paulo Freire visualiza, assim, um novo papel para o educador/problematizador. Ele se re-faz constantemente na sua relação com os educandos, no diálogo crítico. Seu papel é levar os educandos à superação do conhecimento. A educação libertadora assume um papel reflexivo (p. 80).

No livro “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” Freire, em parceria com Shor, nos dá pistas sobre uma concepção de formação de professores. “*Como é que os professores se transformam em educadores libertadores?*” (1986, p. 11). Esta pergunta tem implícito o grande nó da formação permanente do educador: como produzir mudanças qualitativas na prática pedagógica? Como interferir no processo de mudança de concepção-ação dos professores?

A narração da história de vida deste educador nos faz perceber como dimensões pessoais e profissionais vão se articulando na construção do saber docente. Aprender a ensinar é um processo contínuo que se

dá ao longo da vida e na interação entre os sujeitos. Freire afirma que seu conhecimento pedagógico foi construído no cotidiano, lecionando para trabalhadores, e não na universidade. O professor é sujeito e agente crítico no processo de produção do saber (p. 46).

*O papel do educador
é levar os educandos
à superação
do conhecimento.*

Partindo da Pedagogia do Oprimido, começamos nossas referências à obra de Paulo Freire pela caracterização da educação bancária, ressaltando o que este autor chamou de narração/dissertação, como sendo uma marca desta pedagogia. Nesta só um fala, só um sabe. Na educação dialética a linguagem, o diálogo, assumem centralidade, opondo-se à perspectiva anterior, “...o diálogo é a possibilidade de que dispo-nho de, abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento” (1983, p. 120).

O diálogo é, assim, um conceito básico para o entendimento do papel e da formação do professor na obra de Paulo Freire. O professor constrói seu saber ao longo de sua experiência existencial/profissional, na vida, na escola, nos movimentos sociais. A formação, então, é permanente e se enraiza na própria natureza humana que busca incessantemente o saber.

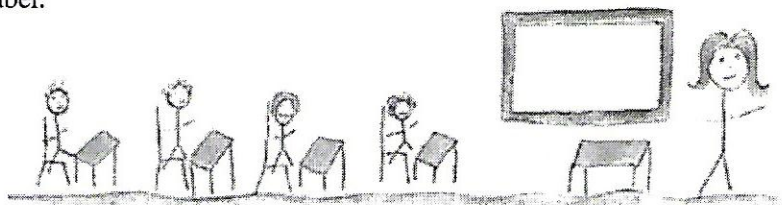
CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NOS CAMINHOS PERCORRIDOS: Imagens da Educação Bancária e da Pedagogia Dialógica – Interfaces com a Formação Docente³

Buscando resgatar este movimento, as alunas do Curso de Pedagogia da FFP/UERJ registraram, por meio de fotos e textos, fragmentos de sua biografia, articulando a memória escolar à escolha da profissão docente e os desafios que hoje vivenciam como professoras.

Registramos aqui fragmentos de trabalhos que nos apresentam imagens da pedagogia bancária e também da pedagogia dialógica. Percebemos pela leitura dos relatos que as alunas-professoras trazem de sua memória muito mais imagens de uma pedagogia bancária, mas se esta se afirma de forma hegemônica é preciso também destacar os movimentos de contradição que vão subvertendo a ordem e instaurando novas possibilidades para o fazer docente. E são estas contradições da memória escolar, juntamente com a formação acadêmica, que vão se traduzindo nas suas pró-

prias práticas pedagógicas como professoras. Optamos por fazer o registro dos fragmentos dos textos das alunas articulando-os com a análise das questões anteriormente explicitadas.

...Lembro-me da sala de aula, de alguns colegas, da professora, da disposição das mesas e cadeiras da sala, enfileiradas umas atrás das outras e que quanto a coordenadora ou diretora entrassem na sala, tínhamos que nos levantar em sinal de respeito. O ambiente era de uma Escola Tradicional, embora alguns aspectos fossem diferenciais importantes: a professora tinha um ótimo relacionamento com os alunos, e as atividades que realizávamos eram livres e diversificadas...” (Rejane Amarante Macedo, 2001).



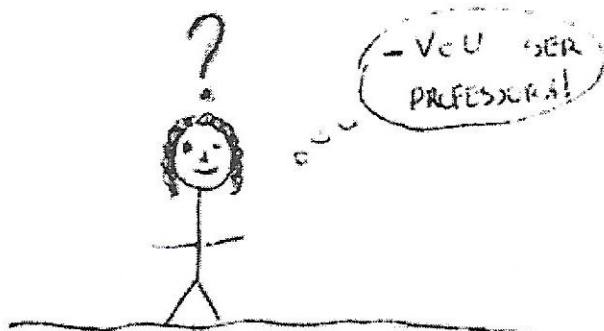
Rejane Amarante Macedo

Na segunda série a professora mostrou o quanto a tendência tradicional valorizava a competição entre os alunos e os submete a um sistema de classificação. Pois, a professora instituiu que os três melhores alunos da sala iriam ganhar uma medalha de acordo com sua classificação. E a nota seria sobre o comportamento e provas. Lembro-me que quem tinha a medalha ficava com medo de perdê-la e quem não tinha estudava para conseguir (Ana Lúcia Vermiano Ferreira, 2001).

Os textos apontam com clareza algumas das características da educação bancária, educação que vai se manifestando na organização do espaço físico da sala de aula, no movimento do corpo, nas cadeiras em tamanho desproporcional aos alunos, no castigo como forma de controle do comportamento, no incentivo à

competição. Muito ditado, muita cópia, traduzindo uma concepção de conhecimento como algo que precisa ser apropriado mecanicamente. Neste trecho já identificamos uma contradição quando Macedo afirma que o ambiente era de uma escola tradicional, mas que havia aspectos que se constituíam como diferenciais: “a professora tinha um ótimo relacionamento com os alunos, e as atividades que realizávamos eram livres e diversificadas...” Percebemos que não há homogeneidade na tessitura da prática educativa.

Somente uma professora me fez vibrar e sentir alegria em ir à escola todos os dias; através dela que surgiu em mim o desejo de ser professora. Eu sempre dizia à ela que gostaria de ser uma “tia” tão legal como ela era prá gente. Lembro-me dela com muitas saudades, pois com seu carisma e sua autenticidade, conseguia “fugir” daquele esquema melancólico, ameaçador e assustador e nos transformava em seres críticos e pensantes, autores da nossa própria aprendizagem (Priscila Machado de Souza Castro, 2001).



Rejane Amarante Macedo

Na 3ª série tive uma professora que valoriza o que o aluno fazia. Decidi então ser professora como ela, pois a admirava. Neste ano não havia regras impostas. O castigo não existia. Não precisava mais levantar quando a Diretora ou

*A professora
precisa reinventar
o significado
de sua atuação.*

Coordenadora entrasse na sala. Apesar disso, o quadro vivia cheio de dever e só quem tirava boa nota na prova era considerado bom aluno (Rejane Lucia Amarante Macedo, 2001).

Retomando o fragmento de texto da acadêmica Priscila Castro observamos que em um contexto pedagógico magistocêntrico, a atuação de uma professora consegue romper com a perspectiva bancária e o significado desta experiência vai se constituir de forma fundamental na escolha da profissão. A fala de Rejane Macedo também sinaliza a escolha da profissão por meio da influência de uma professora que, apesar das contradições, desenvolve uma prática diferenciada.

Neste colégio é que realmente me tornei professora, pois aprendi muito com os coordenadores e até mesmo pela minha própria busca, uma vez que o colégio era bastante exigente. Isso foi muito bom... Comecei, então, a pesquisar, solicitei aos alunos que levassem para a sala de aula rótulos dos produtos que as mães utilizavam em casa. Organizamos cartazes com estes rótulos e as crianças liam o que conheciam... (Maria das Graças Suhett Mangia, 2001).

Por este texto observamos que a bagagem trazida pela formação acadêmica e de sua memória escolar se materializam no cotidiano escolar, quando a professora precisa reinventar o significado de sua atuação.

INSTIGANDO O DEBATE

Pensar sobre a formação de professores a partir da obra freireana nos leva ao encontro da “Pedagogia da Autonomia”. Nela Freire enfatiza que a “ideologia fatalista” não tem oferecido outra possibilidade de pensar a prática educativa, parece se impor de forma única, demitindo o diálogo (2001, p. 21). Enfatiza, contudo, a possibilidade de construir a pedagogia dialógica, desde que o professor se coloque como sujeito

... desde o princípio mesmo de sua experiência formadora assumindo-se também como sujeito da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (p. 25).

Trazendo as contribuições freireanas e a fala das alunas-professoras podemos afirmar que a formação docente é uma grande rede de relações em que cada um dos fios, de cores e matizes diferentes, vão articulando de forma complexa: a memória escolar, a formação acadêmico-científica, a dimensão estético-cultural, a poesia, a arte e os saberes que emanam do cotidiano da prática docente.

NOTAS

¹ Alunas do 2º período do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Refere-se à contribuição de Walter Benjamin quanto à teoria da narração.

³ Agradeço às alunas Ana Lúcia Vermiano Ferreira, Izabela Rodrigues de Menezes, Maria das Graças S. Mangia, Maria de Fátima Rangel dos Santos, Priscila Machado de Souza e Castro, Rejane Lúcia Amarante de Macedo e Vanuza do Amaral Pedrini que autorizaram a publicação de seus textos.

BIBLIOGRAFIA

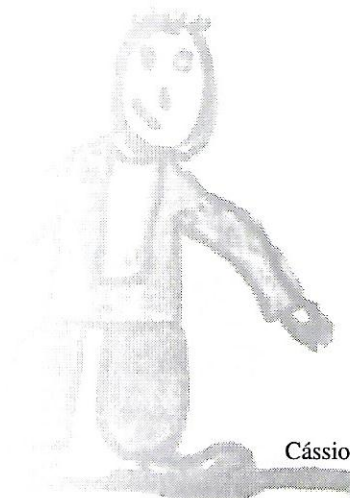
BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.



Cássio